

A ESTRUTURA NECESSÁRIA E A EXISTENTE NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO PARA ACOMPANHAMENTO DE UM ALUNO DISLÉXICO

CARVALHO, Regiane Rocha Oliveira

Bacharelado em Psicopedagogia no

Centro Universitário Internacional Uninter

Orientadora: ALBRECHT, Ana Rosa Massolin

RESUMO

O presente artigo visa contribuir para a melhoria da qualidade da educação e vida dos portadores de dislexia. Pretende-se elucidar dúvidas quanto às características do transtorno, bem como quanto ao processo de aprendizagem. Também são demonstradas as dificuldades enfrentadas por familiares e profissionais envolvidos, tendo em vista os poucos recursos que muitas vezes possuem. Analisando-se documentos e relatos trazidos por estudantes do tema, pode-se concluir que há uma falha no que concerne ao preparo de professores, bem como à escassez de materiais para que haja um bom ensino. Além dos artigos e publicações analisados, também há a percepção obtida através de mídia cinematográfica, a fim de melhor ilustrar a realidade de professor e aluno, e como uma dedicação profissional pode fazer a diferença. A conclusão que se chega, após estudos e análises, é que a realidade da população, muitas vezes, impede a condução de uma educação de excelência aos disléxicos. A escola, principalmente a pública, por vezes não possui grande orçamento para grandes intervenções, tanto materiais quanto em relação ao aprimoramento de seus professores. Por outro lado, há diversas formas de atenuar seus efeitos, partindo-se da premissa que o profissional pode buscar por atividades que incentivem o aprendizado da forma necessária aos estudantes.

Palavras-chave: Dislexia.Recursos.Profissionais.Escolas.

1 - INTRODUÇÃO

Considerada um distúrbio ou transtorno de aprendizagem na área de escrita, leitura e soletração (GOMES, 2011), a dislexia tem maior propensão a ser descoberta no ambiente escolar, mais precisamente na alfabetização, pois é ali que se torna necessário observar a aquisição de conhecimento nessa vertente.

E uma vez detectada, pelo docente, a deficiência de aprendizado de um aluno, tem início uma grande jornada, que na maioria das vezes torna-se penosa, tendo em vista a

necessidade de uma estrutura diferenciada nas escolas, seja quanto ao preparo e conhecimento dos educadores, como também quanto aos materiais disponíveis na instituição para que o discente seja estimulado da forma correta.

Por outro lado, ainda há o “obstáculo” familiar, que muitas vezes, ou por falta de conhecimento ou por resistência na aceitação na existência de um problema, negligencia os cuidados e diretrizes que devem existir para o êxito do aprendizado. Como explicitado por Gomes (2011), “Quando os estudantes não são compreendidos, os pais e os professores se convencem de que a criança não faz um esforço para cooperar ou não prestam atenção” (sic).

Desta forma, conclui-se fundamental o tratamento especializado, havendo um preparo da equipe docente, para que sejam inseridos soluções e artifícios pedagógicos para que a criança seja alfabetizada e siga seu curso escolar, ciente que não é “preguiçosa” ou “culpada” pelas dificuldades que apresenta. Portanto, além da detecção do distúrbio, o profissional deve ter acesso e saber como e quando utilizar materiais e recursos pedagógicos adequados a cada caso.

A partir daí, há de ser analisado outro problema: O sistema educacional brasileiro possui todo o suporte material e profissional para que ocorra o bom aprendizado por parte do aluno portador da dislexia?

Faz-se necessário, então, explorar o tema, eis que, indubitavelmente, há um grande despreparo tanto da família quanto dos profissionais da educação em lidarem com uma criança disléxica. Somado à falta de estrutura material de muitas instituições de ensino, eis que há a nacionalmente conhecida deficiência no sistema educacional brasileiro.

E o resultado de todo esse déficit pode causar os mais diversos tipos de preconceitos e insultos, o que certamente trará efeitos negativos à criança que os sofreu. E como explicitam Taucei, Stoltz e Gabardo (2013), “...geralmente, esses alunos começam a duvidar de sua própria capacidade, desenvolvendo dificuldades emocionais e de comportamento”.

Diante da premissa que a ignorância sobre qualquer assunto causa falhas no seu tratamento, faz-se imperioso elucidar que nem sempre os profissionais da educação buscam o conhecimento sobre o tema, seja por falta de interesse ou até mesmo por questões financeiras. Por outro lado, também se considera a estrutura das escolas, para verificação da disponibilidade de materiais para estimular o estudante portador da dislexia.

O tema em foco, o qual trata da dislexia e da estrutura existente para amparar o seu portador, foi analisado acerca do contexto escolar, ou seja, o preparo dos professores e o material existente nas instituições de ensino.

Rodrigues e Ciasca (2016) iniciam seu artigo informando que “Dislexia é um transtorno específico de aprendizagem que acomete em torno de 3% a 5% dos escolares”, deixando claro que “A identificação precoce e o adequado processo intervertivo são essenciais para minimizar os efeitos negativos da dislexia”.

Gomes (2011), em seu trabalho, nos traz pesquisas e informações sobre sua experiência nas escolas públicas, eis que, ao perceber alunos disléxicos, não obtinha o material pedagógico necessário para ensiná-los como deveria, e, em muitas vezes, também faltava o envolvimento familiar.

Já Taucei, Stoltz e Gabardo (2013) trabalham a complexa trajetória do aluno portador do transtorno em análise, também ressaltando as dificuldades enfrentadas por parte dos professores, os quais, por desconhecimento sobre o tema, podem atuar de forma equivocada, comprometendo a capacidade de aprendizagem de alunos nessa situação.

2 - METODOLOGIA

Para realização deste trabalho, foi utilizada a abordagem qualitativa, tomando-se por base principalmente pesquisas acerca do tema, bem como exposições de casos concretos, com a conseqüente revisão.

A coleta de dados foi realizada através de documentos obtidos através da mídia escrita, sendo utilizados artigos científicos e documentos publicados por estudantes e especialistas.

3 – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Considerando que a aprendizagem é a etapa mais importante na vida de uma criança, é importante que haja o máximo de dedicação e conhecimentos, para que seja construído um bom futuro. Tal construção depende tanto dos profissionais envolvidos na educação, como também da família, a fim de atentarem-se ao que impede o total êxito no processo instrutivo.

Como preceituam Almeida, Santos e Montino (2016),

A educação infantil tem papel social fundamental no desenvolvimento humano. A prioridade é a escola fundamental, com acesso e permanência das crianças e aquisição dos conhecimentos, mas a luta pela escola fundamental não contraria a importância da educação infantil – primeira etapa da educação básica – para todos.

O Instituto Inclusão Brasil (2019) apresentou alguns segmentos que podem analisados pelos professores e familiares, o que auxiliaria no diagnóstico precoce, de forma ilustrada, a qual facilita o entendimento:



(Fonte: <https://institutoinclusaobrasil.com.br/dislexia-de-desenvolvimento-indicadores-dos-4-aos-11-anos/>)

Entretanto, há obstáculos para essa percepção por parte dos adultos, podendo ser apresentados muitos fatores, neles estando incluídos o despreparo do docente, a falta de estrutura familiar, como também algum problema inerente ao próprio aluno. E quando se trata dessa última hipótese, cabe aos responsáveis, além de detectarem o problema, utilizarem-se dos artifícios necessários para que o dano seja minimizado. Ainda de acordo com Almeida, Santos e Montino (2016):

Assim, para potencializar os valores humanos na fase inicial da educação infantil de forma mais significativa, não bastará ao professor (a) somente conhecer as teorias sobre a criança, sobre os conteúdos ou conhecimentos pedagógicos a serem desenvolvidos com elas, espera-se que este saiba analisar qual criança está em foco, qual o contexto social, familiar e cultural que a mesma está inserida.

Inclusos nessa conjuntura estão os desvios de aprendizagem, dentre os quais encontra-se a dislexia. Conforme expõe Lima (2012), *“Crianças com dificuldades na aprendizagem e em codificar e decodificar a leitura e a escrita podem ser disléxicas e a dislexia passa despercebida em meio a conflitos na linguagem”*, o que acaba causando falsos “diagnósticos” vindos de familiares e professores.

A criança acaba por ser taxada de preguiçosa, gerando, ao contrário do que deveria ser, um descaso com relação à sua educação, causando baixa autoestima e sensação de frustração. Quando, na verdade, deve haver a intervenção de um profissional especializado, com procedimentos didáticos, a fim de desenvolver no estudante as aptidões necessárias à sua vida. Conforme preconizam Pereira e Patussi (2018):

E, quanto mais cedo for identificado esse distúrbio chamado “dislexia”, melhor e mais eficaz será o tratamento e o desenvolvimento cognitivo, contribuindo, inclusive, para que não corra o risco deste indivíduo ficar exposto e nem seja rotulado por adjetivos pejorativos tais como: desatento, desinteressado ou até mesmo preguiçoso.

Tendo como principal característica a dificuldade no campo ortográfico, a dislexia tem como sintomas evidentes a dificuldade em ler, escrever e soletrar, ainda que uma palavra simples. E como consequência, ao não conseguirem pronunciar claramente, há um atraso no desenvolvimento da fala de forma correta, o que também pode causar desconfortos nas diversas relações do disléxico. Nesse sentido, Schirmer, Fontoura e Nunes (2004), explicam:

As dificuldades de linguagem referem-se a alterações no processo de desenvolvimento da expressão e recepção verbal e/ou escrita. Por isso, a necessidade de identificação precoce dessas alterações no curso normal do desenvolvimento evita posteriores consequências educacionais e sociais desfavoráveis.

Voltando ao ambiente escolar, de acordo com Pereira (2018), *“O papel do professor é fundamental no auxílio ao diagnóstico da dislexia, já que este não é tão simples quanto parece”*, portanto, a escola torna-se o local mais importante para que o aluno receba o diagnóstico e o tratamento o mais rápido possível.

Recebido o diagnóstico, surge outro problema: como a escola e os profissionais envolvidos devem lidar com o fato? Nos últimos anos vem sendo bastante discutida a importância de uma educação inclusiva. Seria o caso do estudante disléxico?

Primeiramente, conforme previsto na Constituição Federal de 1988, em seu artigo 205, “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. De acordo com Gomes (2011), educação inclusiva é o processo pelo qual todos são acolhidos e atendidos independente de suas diferenças físicas, sociais, culturais e de eventuais dificuldades de aprendizagem. Machado e Vernick (2013) dissertam:

A Conferência Mundial sobre Necessidades Educacionais Especiais, realizada em 1994, em Salamanca, traz a noção de que todas as crianças devem aprender juntas, na escola, inspirando as políticas educacionais brasileiras e trazendo consigo o princípio das escolas inclusivas, ou seja, postulando que as escolas deveriam se organizar pedagógica e administrativamente para receber todas as crianças, indistintamente.

Depreende-se, portanto, que o Estado deve fornecer, a todos os estudantes, a educação e todos os meios para que o aprendizado ocorra da melhor forma. Neste conceito, incluem-se tanto a capacitação dos docentes quanto a oferta de materiais adequados.

Borba e Bragio (s.d.) apresentam algumas considerações acerca do ensino ao disléxico. Dentre elas, encontram-se a necessidade de um tempo maior do professor para se dedicar a conhecer as dificuldades apresentadas pelo aluno, tendo em vista a diversidade dos obstáculos que podem ser apresentados por cada um. E nesse ponto, para muitos docentes, já é evidenciado o primeiro contratempo. PRZYBYSZ e HAHN (2018) dispõem:

É importante que a escola possibilite apoio pedagógico aos alunos e se preocupe com a aprendizagem deles, ainda que o professor precise buscar por novas formas de ensinar para dar conta dessa demanda. Logo, observamos que tais assertivas se direcionam também aos acadêmicos em processo de formação docente, pois esses serão os futuros professores em atuação.

Nesse sentido, o filme “Como as estrelas na Terra”, escrito por Amole Gupte, 2017, nos traz a história do indiano Ishaan, de 9 anos. No início da obra, em uma animação, é demonstrado como Ishaan percebe o mundo. O protagonista vive grande parte do tempo isolado, sem amigos. Diante da falta de progresso na escola, os pais o punem, sem êxito. Enviado a um internato, que impõe regras rígidas, a criança demonstra desinteresse pelos

estudos, como ocorre na realidade, em casos em que a dislexia não é diagnosticada. Até que um novo professor de Artes é contratado e, de forma mais didática, se dedica àquele aluno e descobre sua dislexia, e passa a intervir da maneira adequada, para que Ishaan seja mais confiante e bem sucedido nos estudos, inclusive reavivando seu interesse pela pintura.

Acerca do filme, Paim (2019) faz recortes interessantes a serem analisados, como a dispersão do aluno, a não adaptação à escola, o isolamento e fuga. Quanto à conduta dos pais, evidenciam a não aceitação à condição do filho e o sentimento de culpa. Com relação aos professores, demonstra-se um bom preparo, eis que um profissional da educação contacta os genitores do menor, explicando-os a situação e a busca por ajuda junto à instituição de ensino.

Na atual realidade brasileira, o trabalho do profissional da educação vem sendo extremamente sacrificante. Tanto no que tange ao tempo disponível para lidar com as adversidades surgidas em sala de aula quanto em relação à oferta de materiais necessários, principalmente quando se trata de instituição pública. Sabemos que os professores trabalham em mais de uma instituição, ou, ainda que na mesma, em cargas horárias penosas, o que os impede de prestar mais atenção a determinado aluno.

Outras propostas de Borba e Bragio (s.d) giram em torno de criar estímulos aos alunos, inclusive com o uso de tecnologias, como recursos de informática. Aqui se encaixa, também, o uso da chamada Tecnologia Assistiva, em casos que demonstrarem necessidade. Bersch (2017) explica que se trata do “(...) arsenal de recursos e serviços que contribuem para proporcionar ou ampliar habilidades funcionais de pessoas com deficiência e consequentemente promover vida independente e inclusão”. Explica ainda que

O software leitor fala o conteúdo de textos digitalizados à pessoa com deficiência visual ou a quem não consegue ler em função da dislexia ou deficiência intelectual. Todos estes recursos promovem maior eficiência e autonomia nas várias atividades de interesse de seus usuários.

Fernandes *et al* (2020) apresentam ainda o Programa de Remediação Fonológica, que “contém 11 atividades que trabalham diversos tópicos, como exemplos: identificação de grafemas e fonemas, manipulação silábica e fonêmica, rimas, aliteração, memória de

trabalho visual e auditivo e outros”. Trazem, ainda, o jogo Aramumo, desenvolvido por alunos do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), que

(...)funciona semelhante a um jogo de palavras cruzadas, no qual as crianças devem preencher os espaços vazios com sílabas que ficam flutuando em bolhas espalhadas pela tela. A ferramenta permite o desenvolvimento e o treinamento das habilidades de separação silábica, ortografia, reconhecimento e memorização de sons e coordenação motora.

Novamente a realidade do país pode ser um óbice a essa atuação, tendo em vista que poucas escolas públicas contam com uma boa estrutura nesse sentido. Abordando-se o assunto de forma mais profunda, ainda que existissem computadores, faz-se necessário contratar profissionais para ensinar aos alunos como manusear.

O cenário privado, obviamente, está à frente nessas questões, mas também não deve ser considerado o local perfeito para a tratativa de alunos disléxicos. Em 2018 foi publicado artigo no site www.terra.com.br, no qual foi retratada a dificuldade das escolas particulares receberem o grande número de estudantes portadores de alguma disfunção cognitiva. Segundo Palhares (2018), algumas dessas instituições entendem que não possuem recursos humanos adequados. Outras entendem não ser sua “missão” atender alunos fora de um padrão.

Tenório e Pinheiro (2018) ensinam, ainda, que a criatividade é traço marcante dos portadores de dislexia. Propõem, então, que haja incentivos nesse sentido, com atividades como pintar, desenhar, tocar instrumentos musicais e praticar esportes. E mais uma vez nos deparamos com a possível ausência desses recursos materiais nas escolas. Para executar tais atividades, é necessário que haja os utensílios adequados, o que nem sempre é possível, dependendo da situação financeira, tanto no âmbito particular quanto no âmbito público.

Demonstrados os percalços diante da correta condução da educação do aluno disléxico, ainda há de se considerar que existem outros, que não se restringem a eles, mas que, de igual forma, os afetam, como a alimentação adequada e necessária. É constantemente noticiado na mídia que faltam alimentos para a merenda escolar dos alunos. De acordo com dados fornecidos pela ONU – Organização das Nações Unidas (2020), para milhões de crianças, a merenda é a única refeição do dia. E dessa forma, a fome

se sobrepõe à atenção aos ensinamentos. No caso do aluno portador da dislexia, a atenção que já pode ser comprometida pelo transtorno em si.

Entretanto, há algumas atividades que podem ser propostas aos alunos portadores de dislexia, as quais utilizam poucos recursos, tendo em vista que, como já exposto, as dificuldades concentram-se na escrita e na leitura, conforme exposto pelo blog Divulgação Dinâmica:

-Formar Palavras: Consiste em pôr várias letras desordenadas num tabuleiro com o objetivo de que a criança escolha as letras por ordem e forme palavras. Deste modo, trabalhará o vocabulário, a memória de trabalho e a heminegligência.

	TO	MA	DA
	CU	E	CA
	CA	BI	DE
	BO	NE	CO
	CA	NE	TA

(Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/239324167686097149/>)

- **Palavras erradas:** O objetivo deste exercício é que, dentro de um grupo de palavras escritas com erros com exceção de uma, a criança identifique aquela que está bem escrita.



Ditado ~~Errado~~

SAPATO	SABONETE	SACO	SEMANA
SUÇO	SAMPA	SUBIDA	SUCESSO
SEBOLA	SERIGUELA	SOMBRA	SACOLLA
ÇANTOS	SÍMBOLO	SONNO	SUCO
SAPO	SOAR	SÁBADO	SENHOR
SENOURA	SEMENTE	SAIA	SÍLABA

(Fonte: <https://www.ferramentaspedagogicas.com/2019/10/ditado-errado.html>)

- **Esconde-Esconde de letras em palavras:** Esta atividade baseia-se em encontrar palavras que contenham a letra indicada previamente. Um exercício muito útil para as pessoas com dislexia que tenham começado a discriminar letras e estejam a trabalhar a atenção seletiva.

Objetivo: identificar letras, desenvolver a atenção e aprimorar a formação de estratégias básicas essenciais à aprendizagem futura da leitura.

CADÊ A PALAVRA?

LEIA AS PALAVRAS AO LADO DAS FIGURAS.
EM SEGUIDA PROCURE ONDE A PALAVRA ESTÁ ESCONDIDA E CLIQUE EM SUAS LETRAS



B O N E C A

K B O N E C A X R S C



P E T E C A

P A T P E P E T E C A



T R E M

T R A M C T R E M S A

(Fonte: <https://www.liveworksheets.com/mu133083orx>)

- **Nome correto de uma imagem:** Nesta atividade coloca-se à esquerda uma imagem de um objeto e à direita quatro palavras diferentes entre as quais só uma corresponde à

imagem. Deste modo, procura-se trabalhar a discriminação.

ESCOLA: _____
TURMA: _____ DATA: ____ / ____ / ____
ALUNO: _____

MEU NOME É...

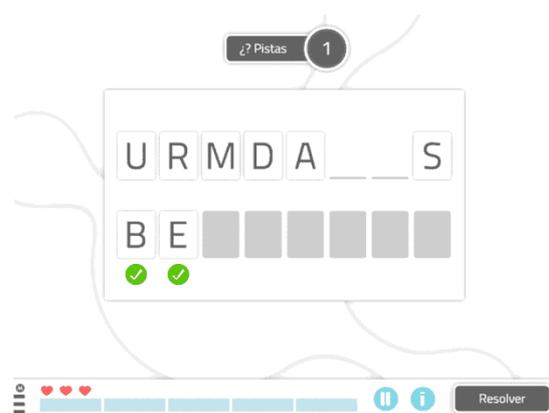
1-PINTE O NOME CORRETO DA FIGURA EM DESTAQUE.

		
BALA	PANELA	GADO
BOLA	JANELA	GALO
BELA	FVELA	GATO
		
BALÃO	CARECA	MALA
PIÃO	PETECA	BALA
JOÃO	CANECA	FALA

www.aartedeensinareaprender.com

(Fonte: <https://www.aartedeensinareaprender.com/2017/07/atividade-pronta-figura-x-nome.html>)

- **Letras desordenadas:** Num tabuleiro em que previamente se desordenaram as letras de uma palavra, o jogador terá que as ordenar. Esta atividade tem com objetivo fundamental trabalhar o vocabulário e a memória.



(Fonte: <https://neuronup.com.br/atividades-de-neurorreabilitacao/para-esclerose-multipla/exercicios-de-reabilitacao-cognitiva-para-pessoas-com-esclerose-multipla>)

Além das atividades elencadas, há outros cuidados que podem ser tomados pelos professores, que não demandam gastos da instituição, mas que podem auxiliar na inclusão do aluno disléxico. Rodrigues e Ciasca (2016) apresentam alguns, que permeiam a boa relação do discente portador do transtorno com a escola:

- Tempo extra ao aluno para conclusão de alguma tarefa;
- Oferecer ajuda para anotações;
- Modificar trabalhos e pesquisas de acordo com as necessidades;
- Esclarecer ou simplificar instruções escritas;
- Implantar atividades práticas adicionais, e muitas outras intervenções que possibilitem ao aluno uma melhor integração.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas pesquisas realizadas, em que foram apresentados tanto a teoria quanto estudos de caso, depreende-se que a dislexia deve ser diagnosticada nos primeiros anos de aprendizagem infantil, para que sejam tomadas as medidas necessárias a proporcionar ao estudante disléxico um ensino de qualidade.

Para isso, faz-se imperioso que o professor esteja atento e venha sempre se preparando para que sua percepção seja eficaz. O que ocorre através de estudos e aprimoramentos, que nem sempre o profissional tem condições de realizar.

Ainda, apesar de ser necessária uma maior dedicação do docente àquele aluno disléxico, o que nem sempre é uma possibilidade dentro da realidade educacional do país, podem ser utilizados mecanismos e atividades com baixo investimento para que o discente consiga se adequar à sala de aula e diminuir os possíveis danos ao seu aprendizado, como exercícios que trabalhem as palavras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

5 atividades para trabalhar a Dislexia. **Divulgação Dinâmica**, 2021. Disponível em <https://www.divulgacaodinamica.pt/blog/5-atividades-para-trabalhar-a-dislexia/>. Acesso em 02 out 2021.

ALMEIDA, I; SANTOS,A; MONTINO,M. A Importância da Educação Infantil na Formação Humana. Revista Humanidades e Inovação v.4, n. 2 – 2016. Disponível em

<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/198>. Acesso em 05 out 2021.

BERSCH, R. INTRODUÇÃO À TECNOLOGIA ASSISTIVA. Porto Alegre, 2017. Disponível em https://www.assistiva.com.br/Introducao_Tecnologia_Assistiva.pdf. Acesso em 07 out 2021.

BORBA, Ana Luiza; BRAGGIO, Mario Ângelo. **Como interagir com o dislético em sala de aula**. [s.l], [s.d]. Disponível em <https://www.dislexia.org.br/wp-content/uploads/2019/04/Como-interagir-com-o-disl%C3%A9xico-em-sala-de-aula-Leis.pdf>. Acesso em 06 set 2021.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.

Cerca de 370 milhões de alunos sob risco por falta de merenda escolar, alerta ONU. **Nações Unidas**, 2020. Disponível em <https://news.un.org/pt/story/2020/04/1712002>. Acesso em 05 out 2021

Como as estrelas na Terra. Direção: Aamir Khan e Amole Gupter. Produção: Aamir Khan, Kiran Rao, Ajay Bijli, Sanjeev Bijli. Índia: Pvr Pictures, 2007.

Dislexia de Desenvolvimento – Indicadores dos 4 aos 11 anos. Instituto Inclusão Brasil, 2019. Disponível em <https://institutoinclusaobrasil.com.br/dislexia-de-desenvolvimento-indicadores-dos-4-aos-11-anos/>. Acesso em 08 out 2021.

FERNANDES, E. et al. EASYREADER: JOGO SÉRIO PARA CRIANÇAS COM DISLEXIA. **Prociências**. V.3, n.2, dezembro, 2020. Disponível em <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/prociencias/article/view/20387/12519>. Acesso em 06 out 2021.

GOMES, R.A. **Inclusão do estudante dislético no contexto escolar**. 2011. Monografia (Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

MACHADO, E.; VERNICK, M. REFLEXÕES SOBRE A POLÍTICA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL NACIONAL E NO ESTADO DO PARANÁ. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, SP, v. 24, n. 2, p. 49-67, maio/ago. 2013.

PAIM, V. **PERCEPÇÕES DA CRIANÇA COM DISLEXIA E SEM APOIO FAMILIAR**. 2019. Monografia (Graduação em Psicologia)-Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2019.

PALHARES, P. Quantidade de alunos com deficiência por turma desafia escolas particulares. **Terra**, 2018. Disponível em <https://www.terra.com.br/noticias/educacao/quantidade-de-alunos-com-deficiencia-por-turma-desafia-escolas-particulares,406cb869b404072e6d0e402a16a9b3acjsdqwpig.html>. Acesso em 07 set 2021

PEREIRA, F. **Inclusão Escolar Para Portadores De Dislexia**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 03, Ed. 08, Vol. 03. pp. 05-15, Agosto de

2018. Disponível em <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/inclusao-escolar>. Acesso em 06 set 2021.

PEREIRA, L.; PATUSSI, R. **DISLEXIA X AUTOESTIMA: NO CÉREBRO DE UM DISLÉXICO**, 2018. Disponível em <https://www.dislexia.org.br/wp-content/uploads/2018/09/Dislexia-x-Autoestima-PEREIRA-PATUSSI.pdf>. Acesso em 06 set 2021.

PRZYBYSZ, D.; HAHN, F. Dislexia e formação de professores. **Revista Espacios**. Vol. 39 (Nº 43) Ano 2018. Pág. 5. Disponível em <http://www.revistaespacios.com/a18v39n43/a18v39n43p05.pdf>. Acesso em 06 out 2021.

RODRIGUES, S.D.; CIASCA, S.M. Dislexia na Escola: Identificação e Possibilidades de Intervenção. **Rev. Psicopedagogia**, Campinas, 33(100): 86-97, 2016.

SCHIRMER, C.; FONTOURA, D.; NUNES, M. Distúrbios da aquisição da linguagem e da aprendizagem. **Jornal de Pediatria**. Vol. 80, N°2(supl), 2004. Disponível em <https://www.scielo.br/j/jped/a/46wvNTtYV4bpLw7k5tbyZ3b/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 06 set 2021.

TAUCEI, J.R; STOLTZ, T; GABARDO, C.V. Caminhos e descaminhos: a trajetória complexa do aluno com AH/SD e Dislexia na escola. **Cadernos de Educação | FaE/PPGE/UFPel**, Pelotas [44]: 265 - 292, janeiro/abril 2013.

TENÓRIO, G; PINHEIRO, C. O que é dislexia: causa, sintomas, diagnóstico e tratamento. **Veja Saúde**, 2018. Disponível em <https://saude.abril.com.br/medicina/o-que-e-dislexia-causa-sintomas-diagnostico-e-tratamento/>. Acesso em 08 set 2021.